

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Raul Brandão

HÚMUS

Maria João Reynaud
INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

*Silêncio. Ponho o ouvido à escuta
e ouço sempre o trabalho persistente
do caruncho que rói há séculos
na madeira e nas almas.*

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Raul Brandão

HÚMUS

Maria João Reynaud
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.impresanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Publicado em dezembro de 2021

Depósito legal

335 139/11

ISBN

978-972-27-1993-3

Edição n.º

1018336

Nota prévia

Carlos Reis

Edita-se agora, na Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, *Húmus*, de Raul Brandão. Publicado pela primeira vez há pouco mais de um século (mais precisamente em 1917), este singular texto ocupa um lugar de exceção na nossa literatura, de tal modo que, ainda há não muito tempo, um painel de ensaístas e críticos literários designado por uma revista cultural integrou *Húmus* no seletto conjunto dos 12 melhores livros portugueses dos últimos 100 anos. Valendo o que valem estas classificações, ela não deixa de sublinhar o que há muito é reconhecido: *Húmus* representou, no seu tempo e depois dele, um caso notável de inovação formal, numa época já de si muito marcada por uma forte dinâmica de modernidade, na aceção mais estrita e exigente do termo. O que pode ser amplamente confirmado pela leitura da circunstanciada introdução que a seguir se encontra, da autoria de Maria João Reynaud.

Entre outros aspetos contemplados no referido estudo introdutório, cumpre destacar aquele que, desde uma primeira abordagem, parece evidente: em *Húmus*, não encontramos um relato modelado pelos padrões romanescos a que o século XIX nos habituou. Entre nós, esses padrões provêm de Eça de Queirós — certamente o mais dotado e marcante romancista

Introdução

Maria João Reynaud

A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega.

RAUL BRANDÃO, *Húmus*

Contextualização

Húmus (1917), a obra-prima de Raul Brandão, assumiu um papel crucial na história da ficção portuguesa da segunda metade do século xx. É um livro que veio pôr em causa, de modo irreversível, a estrutura do romance tradicional, antecipando as experiências mais radicais efetuadas no âmbito da narrativa contemporânea, inclusive as mais recentes. E que, por se projetar muito para além do horizonte estético do seu tempo, nem sempre beneficiou de uma receção crítica que estivesse à altura de o julgar, apesar da sua assinalável repercussão num meio literário restrito. Publicado há mais de um século, o *Húmus* tornou-se uma obra clássica, pela força imaginativa do seu autor e pela permanente atualidade temática.

Contemporâneo de grandes escritores estrangeiros — como Unamuno (1864), Valle-Inclán (1866), Romain Rolland (1866) ou Luigi Pirandello (1867) —, Raul Brandão rompeu com as conceções literárias vigentes no seu tempo, em nome da liberdade reclamada pela vocação indagadora de uma arte singularmente atenta à crise de valores que então se vive e à injustiça social. Liberdade essa que cria os seus próprios códigos para lidar com a realidade perturbadora de um mundo em conflito, cujos

Nota biobibliográfica

Maria João Reynaud

Raul Brandão nasceu na Foz do Douro, a 12 de março de 1867, na antiga Rua da Bela Vista, hoje com o seu nome. A sua infância decorreu na Cantareira, lugar evocado em páginas antológicas das *Memórias*, como são as do «Prefácio» dedicado «Aos Mortos», datado de «Cantareira, Foz do Douro — 1918» (vol. I, 1919)¹, ou as do capítulo «Há que tempos!», de *Vale de Josafat* (vol. III, 1933)², marcadas pela lembrança viva da figura materna e da velha criada Mari' Emília, que lhe inspira a figura de Joana. E, de modo particular, n'*Os Pescadores*³, livro dedicado «À memória de meu avô, morto no mar», com que Raul Brandão conquistou o grande público. Aí figuram páginas que permitem reconstituir o seu *habitat* afetivo e o cenário de uma infância feliz, embora toldada pela tragédia dos naufrágios costeiros⁴. Nelas fica expressa a veneração pelos heróis tangíveis que são os pescadores.

1 Raul Brandão, *Memórias*, vol. I, 4.ª ed., Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, s. d. (1919), p. 7.

2 Raul Brandão, *Vale de Josafat*, III volume de *Memórias*, Seara Nova, 1933, p. 145.

3 Raul Brandão, *Os Pescadores*, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, 1923.

4 Cf. «A Morte do Arrais». Este texto, datado de «Dezembro — 1893» e incluído n'*Os Pescadores* (1923), foi publicado na Revista *Brasil-Portugal* em 1 de junho de 1901. Pertence a um conjunto de 10 narrativas, intituladas «História do Batel 'Vae com Deus' e da Sua Companhia», publicadas entre fevereiro e julho de 1901.

RAUL BRANDÃO

HÚMUS

*O que tu vês é belo; mais belo
o que suspeitas; e o que ignoras
muito mais belo ainda.*

DUM AUTOR DESCONHECIDO

A VILA

13 de novembro

Ouçõ sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...

Uma vila encardida — ruas desertas — pátios de lajes soergidas pelo único esforço da erva — o castelo — restos intactos de muralha que não têm serventia. Uma escada encravada nos alvéolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira-brava conseguiu meter-se nos interstícios das pedras e delas extrai suco e vida. A torre — a porta da Sé com os santos nos seus nichos — a praça com árvores raquíticas e um coreto de zinco. Sobre isto um tom denegrado e uniforme: a humidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na humidade. Nos corredores as aranhas tecem imutáveis teias de silêncio e tédio e uma cinza invisível, manias, regras, hábitos, vai lentamente soterrando tudo. Vi não sei onde, num jardim abandonado — inverno e folhas secas — entre buxos do tamanho de árvores, estátuas de granito a que o tempo corroera as feições. Puíra-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem à pedra. Na realidade

Raul Brandão
HÚMUS

Húmus (1917), a obra-prima de Raul Brandão, veio pôr em causa, de modo irreversível, a estrutura do romance tradicional, antecipando as experiências mais radicais efetuadas no âmbito da narrativa contemporânea, inclusive as mais recentes. Publicado há mais de um século, *Húmus* tornou-se uma obra clássica, pela força imaginativa do seu autor e pela permanente atualidade temática.

Da «Introdução».

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ISBN 978-972-27-1993-3



9 789722 719933